



## O CURRÍCULO NA ESCOLA DO CAMPO: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E INOVAÇÃO<sup>1</sup>

**Dielle Santos Cezário**

Educação do campo - UFPA, ano 2015, (cursando); Atua Grupo de Formação à Docência-PIBID.

**Ivone Cardoso Palheta**

Licenciada em História, FACIG, 2014. Educação do campo - UFPA, ano 2015 (cursando).

**Rosileide Moraes Cardoso**

Licenciada em Ciências da Religião, FATEH, 2006, em Matemática, UFPA, 2012, Bacharel em Teologia, INTA, 2010; Especialista em Ciências da Religião, FLATED, 2012, Mestranda, Formação de Professores, UFPA, 2015. Atuou no Grupo de pesquisa PHILIA, 2015 a 2017, Professora da rede Municipal de Abaetetuba desde 2005.

### RESUMO

O nosso objetivo com o presente texto, é a partir da realidade observada durante os estágios de observação em uma Escola do CAMPO denominada de X, refletir mesmo que de forma breve o itinerário do currículo na realidade da educação do campo e expor o que é, e o que almeja um currículo do campo?, como ele é desenvolvido na vivência diária da escola, de modo que expresse os anseios, desejos e dificuldades dos professores do campo em relação à utilização e elaboração do currículo para e no campo.

**Palavras chaves:** Currículo. Campo. Desafio, Emancipação.

### Introdução

Iniciamos o presente este excerto, parafraseando (quem???)que “Não é preciso ser filho de doutor, para o jovem da roça também ter seu valor”, mas, sim, esse jovem necessita de uma educação de qualidade, onde esteja bem assistido nos conhecimentos teórico-práticos, por meio das situações de vivências e experiências de ensino-aprendizagem, com um currículo que em seu corpo tenha a existência de programas, projetos que contemple o desenvolvimento das relações, pessoais, interpessoais, sociais, culturais, e cognitiva, por meio de ações que contribuam para o resgate e a confirmação dos valores culturais, e da identidade do jovem do campo que são:

São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, boia-fria, e outros grupos mais. Entre estes há os que estão ligados a alguma forma de organização popular, outros não; há ainda as diferenças de gênero, de etnia, de religião, de geração; são diferentes jeitos de produzir e de viver;

<sup>1</sup>- O Texto O CURRÍCULO NA ESCOLA DO CAMPO: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E INOVAÇÃO

É um artigo científico, que partiu das inquietações e indagações levantadas durante os estágios de observação na Escola X do Campo.



diferentes modos de olhar o mundo, de conhecer a realidade e de resolver os problemas; diferentes jeitos de fazer própria resistência no campo; diferentes lutas (CALDART, 2002, p. 21).

Desse modo, retomando a frase inicial o jovem do campo, pode ser sim, ser um agricultor, um lavrador, se ele, assim quiser, mas também pode ser um dentista, um advogado, um técnico das mais diferentes áreas inclusive um técnico de agricultura ou agrônomo, desde que, o currículo construído na escola, seja elaborado em parceria, coletividade, com atores que conheçam, vivencie as reais necessidades do jovem do campo e tenha a liberdade, a autonomia de adaptar as realidades e necessidades dos alunos. Contribuindo, assim, com o seu desempenho pessoal, com o da comunidade a qual está inserido. Benefício expresso nas As Diretrizes Operacionais Básicas para as Escolas do Campo no trecho que diz:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais (...) (BRASIL, 2002, Art. 2º).

Desse modo, nosso objetivo com esse texto, é a partir da realidade observada durante os estágios de observação na Escola X abordar a realidade do currículo na realidade do campo e expor de forma breve o que é, e o que quer um currículo do campo? Para a costura do texto contaremos com a contribuição teórica de: CALDART, 2002; GARCIA, 2012; MACHADO, 2009; MOREIRA E SILVA, 1994; VEIGA, 1995. Por serem autores que há décadas vem contribuindo na discussão entrono da constituição, da confirmação da educação, de um currículo e uma identidade e da emancipação do jovem do campo.

### **Educação do Campo: desafio e perspectiva na organização do currículo**

Ausência de uma formação continuada de qualidade (com exceções) principalmente nos *lôcus* mais afastado da sede como é o caso do espaço rural (centro e as ilhas), a muito contribuiu e ainda hoje contribui, para sustentar a concepção “distorcida” de que a educação, no corpo do currículo, disfarçado de planos, diretrizes, procedimentos, metas, vem sendo um mecanismo de uso exclusivo do sistema vigente (neoliberalismo), ou seja, elaborado para que as situações de ensino-aprendizagem desenvolvidos nas escolas atendam exclusivamente o interesse do sistema econômico-político vigentes.

De fato durante muito tempo se criou mecanismo que contribuíram para sustentar e garantir os interesses, os privilégios e o monopólio do poder do sistema vigente, entre essas colaborações estavam à elaboração do sistema educacional, que era organizado e implantado



nas escolas de forma verticalista e autoritária, transformando assim a escola em um espaço exclusivo de divulgação e concretização dos seus interesses pessoais. Desse modo cabia ao professor o papel de ensinar, transmitir valores e conceitos de forma organizada e selecionada para que o alunado estivesse apto para atender as exigências e necessidade do sistema vigente, ao gestor cabia o papel de cumprir ordens vindas do poder central (secretaria, governo), moldando a escola num sistema autoritário, preconceituoso e excludente (com exceções), em sua atribuição e processos pedagógicos.

Moreira e Silva (1994) chama atenção dá importância de estarmos atentos às relações de poder que envolvem a construção do currículo:

O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares.” (MOREIRA E SILVA, 1994, p. 08).

Quando refletimos a realidade regional e principalmente a local sobre a elaboração e desenvolvimento do currículo, se percebe que “os saberes e fazeres da prática foram sendo desqualificados, os falares foram desqualificados e todo processo de produção de conhecimento foi sendo como que silenciado” (GARCIA, 2012, p.10). Realidade que vem contribuindo para que o jovem “passam a negar sua própria condição campesina, influenciadas pela ideologia do campo como elemento de atraso sociocultural e econômico” (MACHADO, 2009, p. 194).

A realidade que perpassa na escola X, localizado no espaço rural campo, em relação a elaboração e excursão do Currículo não é diferente, percebemos que temos uma escola, física situado no espaço rural-campo, mas que estrutura seus planos, metas, diretrizes sobre a luz de um currículo urbano, ou seja, temos uma escola no campo, com o nome do campo, porém com estruturas físicas e curriculares de uma escola urbano. Realidade que a nosso ver tem contribuído e contribuí para que o jovem, não tenha muitas oportunidades e consequentemente pouca expectativa de vida.

Uma vez, que os projetos elaborados dentro do corpo do currículo devam provocar no jovem do campo a reflexão racionalizada dos fatos, da realidade, onde as informações, inflame nele o desejo do debater, do questionar, e que ele não aceite passivamente, mas seja resistente ao fazer pronto e acabado. Que o currículo, seja um mecanismo de formação, que possibilite ao aluno o despertar da sua apatia, e seja um jovem com atitudes e valores bem estruturados. Nessa perspectiva Veiga (1995) defende a necessidade de que as instituições de



ensino em particular as do campo repensem seus currículos, tornando os mais democráticos e abertos para o diálogo com os diferentes saberes produzidos para além dos contextos escolares e acadêmicos, desse modo expressa:

[...] o currículo é um instrumento de confronto de saberes: o saber sistematizado, indispensável à compreensão crítica da realidade, e o saber de classe, que o aluno representa e que é resultado das formas de sobrevivência que as camadas populares criam. Valoriza o saber de classe e coloca como ponto de partida para o trabalho educativo. (VEIGA, 1995, p.82).

Dessa forma entendemos que, para que, o currículo seja desenvolvido de modo que atenda de fato as reais necessidades dos alunos, as instituições do campo devem nortear as suas ações de ensino, sobre a luz de concepções que contribuam com a dinâmica de trabalho das escolas, tornando-as clara e coerente, de modo que, tanto o desenvolvimento cognitivo, quanto o motor do aluno possa ocorrer com êxito. Santos (2009) defende a concepção de que os saberes e conhecimentos abordados no currículo das escolas do campo devem serem pautados em ações diretas com as vivências e as experiências dos jovens, pois facilitará a ele um domínio, uma compreensão, cada vez mais refletida dos fatos, dos acontecimentos que lhe são transmitidos.

[...] os conteúdos curriculares devem permitir que os alunos desenvolvam sua capacidade de argumentação, de questionamento, de crítica e sua capacidade de formular propostas de solução para problemas detectados. [...] é fundamental que o currículo trabalhe com habilidades que vão além do desenvolvimento cognitivo e envolvam diferentes campos da cultura, garantindo a presença de produções culturais dos mais diferentes grupos sociais e culturais, de tal modo que os estudantes sejam capazes de lidar com a diferença, valorizando e respeitando a cultura do outro, condição necessária para a vida em uma sociedade realmente democrática. (SANTOS, 2009, p.13-14).

Neste sentido, é possível afirmar que o currículo construído em coletividade direcionado a realidade e necessidade do aluno, possibilita o despertar do educando, ou seja, ele deixa fluir no aluno a sua capacidade de criar, de fazer uma leitura subjetiva das coisas, se torna capaz de analisar os fatos por meio, dos vários ângulos e de defender as suas ideias e seus ideais. Por isso, acreditamos que a maior dificuldade para elaborar, construir o currículo do campo, é de que não estamos preparados teoricamente e nem pedagogicamente, existe a consciência de que é de suma importância à existência de um currículo destinado a realidade do campo, existe à vontade, o desejo de organiza-lo, mas esbarramos nas inúmeras dificuldades: não é suficiente elaborar o currículo, com conteúdos ricos e valiosos, eles têm que propiciar ao



aluno que ele seja parte integrante e participante do processo, de modo, que possibilite a ele criar sua trajetória, o seu análise pessoal dos assuntos, das atividades e dos projetos realizados pela escola; a falta de apoio, de incentivo é um problema a ser superado, pois observamos que existi à vontade por parte de alguns professores, gestores de que o currículo do campo contemple as escolas do campo, e que ele “habite” o esboço do papel e sobre tudo a vivencia diária da escola, mas as dificuldades, a falta de orientação e de apoio é maior.

Chegamos a uma síntese mais coerente, após ouvimos os relatos e o desabafo de uma professora da escola X, quando ela diz:

Eu fico brava quando penso na horta, na verdade nem gosto de falar, pois fico muito triste. Com todo carinho e responsabilidade, fizemos o projeto, tudo organizado com tema, justificativa, problemática, metodologia, objetivos. Os alunos fizeram coletas e rifas, com o dinheiro arrecadado compramos os materiais necessários, e os alunos fizeram as estruturas da horta, os vasos. De início um técnico agrônomo parceiro da escola nos ajudou a plantar, então plantamos: cheiro-verde e alface. Para nossa tristeza a horta foi saqueada. Os alunos reorganizaram e reergueram a horta, contudo novamente a horta foi saqueada, e ainda tive o desprivilegio de ouvir de um senhor que vendia merenda na frente da escola que lá não era lugar disso, que nós devíamos nos preocupar em fazer o nosso trabalho ensinar ler e escrever, fiquei muito triste e acabei desanimando. A horta era um projeto do sétimo ano, em parceria das áreas de ciências na qual atuo com a de matemática, o objetivo era trabalhar o reino vegetal, com todas as suas características, a importância da preservação e do cuidado com o solo. A professora de matemática, por sua vez, ia trabalhar os cálculos na comercialização do produto, que realizaríamos por meio de uma feira comunitária, ainda pensávamos em contribuir na merenda escolar incentivando alunos para o consumo diário em suas cassas, e no resgate da cultura familiar, que praticamente está se acabando e reensinando as técnicas aos alunos eles próprios futuramente pudessem fazer as suas próprias hortas.( PROFESSORA X, ano).

Diante deste desabafo fica evidente, que não é fácil construir, e muito mais realizar o currículo do campo, pois “muitas pessoas passam a negar sua própria condição campesina, influenciadas pela ideologia do campo como elemento de atraso sociocultural e econômico” (MACHADO, 2009, p. 194). Para muitos, infelizmente, a escola tem que ser tão somente um espaço, de execução das técnicas científicas, e com isso nega um modo de vida e valores diferentes.

Assim, o currículo das escolas do campo tem que considerar tem que despertar nos alunos, que são sujeito do campo e que ao ser sujeitos do campo não lhe pode ser furtado, o reconhecimento do conhecimento e atores históricos e sociais, que tem direito ao contato com os diferentes saberes que se entrecruzam no cotidiano da escola, logo, o currículo, antes de





tudo, deve preservar os modos de vida de habitar o mundo, um itinerário fértil e fecundo da escola e de todos os espaços em que o viver comum inspira e pratica a educação.

(PIMENTEL, 2007, p. 20)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste corpo enveredamos na reflexão sobre a realidade do currículo do campo, as suas dificuldades, angústias, anseios e perspectivas, para a sutileza de olhos atentos para o que quer é, e que é? Um currículo. Para não fazemos deles um instrumento de controle, reprodução, manipulação e preconceito. Mas, seja uma janela que proporcione no indivíduo a capacidade de emitir sua opinião, de argumentar, questionar e sugerir, possíveis soluções para a problemática levantada e a importância da redescoberta, da confirmação da sua identidade, e a sua emancipação social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo**. Brasília: MEC, 2002.

CALDART, Roseli Salette. **Por Uma Educação do Campo**: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salette (Orgs.). Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.

GARCIA, Regina Leite: **Currículo na Contemporaneidade**: incertezas e desafios/ Regina Leite Garcia, Antônio Flavio Barbosa Moreira (organizadores); Traduzidos por Silvana cobucci Leite, Beth Honorato, Dinah de Abreu Azevedo. \_4.ed-São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTEL, Álamo. Prefácio. In: MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo, Diversidade e Equidade**: luzes para uma educação intercultural. Salvador: Edufba, 2007.

MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS, Lucíola. **A construção do currículo**: seleção do conhecimento escolar. Salto para o futuro. Currículo: conhecimento e cultura. Ano XIX, nº 1, Abr. 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Escola, currículo e ensino**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CARDOSO, Maria Helena Fernandes. (Org.) Escola Fundamental: currículo e ensino. Campinas – SP: Papyrus, 1995.